

O ESPIRITISMO NO BRASIL: AS IDEIAS DE SERENIDADE NA FILOSOFIA ESPÍRITA DE JOSÉ HERCULANO PIRES¹

Edson Santos Pio Júnior²
Rogério Luís da Rocha Seixas³

Há mais serenidade no homem que defende com entusiasmo e calor os seus princípios, do que no indivíduo falacioso, que procura serenamente as suas evasivas.

José Herculano Pires

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é discutir a temática do “Ser” e a “Serenidade” a partir da reflexão existencialista presente na obra *O Ser e a Serenidade* do filósofo espírita brasileiro José Herculano Pires. A Serenidade para este pensador se apresenta enquanto questão filosófica ao longo de toda a tradição e até mesmo podemos encontrá-la em certas narrativas mitológicas e romances da literatura universal em que o Ser a ela aspira mesmo diante de situações consideradas difíceis.

Falar sobre a serenidade não é algo fácil ou vago, principalmente em nossa época que é composta por tantas tempestades de discussões e agitações, acerca de ideias de progresso, liberdade, igualdade, religiosidades, ciências etc. Na concepção de Herculano, a serenidade necessária para se manter tranquilo durante as tempestades, seja ela qual for, é estabelecida para o Ser no que denomina de *princípio da trilogia do serenista*: procure a perfeição, nunca te deixes abater e eleve-te sempre às circunstâncias.

¹ Texto aprovado para apresentação no XVIII Simpósio Nacional da ABHR – Concrer 2022, no Simpósio Temático 09 – Espiritismo no Brasil e no Mundo, que ocorreu no dia 17 de novembro de 2022.

² Edson Santos Pio Júnior - Mestre em Administração - UNIGRANRIO. E-mail: edsoncespj@gmail.com

³ Rogério Luís da Rocha Seixas – Doutor em Filosofia - UFRJ. E-mail: rogeriosrjb@gmail.com

Mas como é o Ser Sereno no mundo? Sendo esta nossa questão inicial, a busca por sua resposta nos convida a investigar a temática ontológica serenista e existencialista apresentada na filosofia de Herculano Pires. No entanto, não sendo possível discutir isoladamente tal temática sem abordar o Ser, também o faremos preservando a serenidade como foco principal. Com esse objetivo, no decorrer do artigo resgataremos posições essenciais às correntes existencialistas, como as de Sartre, Heidegger e Kierkegaard, confrontando-as com as ideias de serenidade de Herculano. Discutiremos também o conceito de *interexistência* proposto pelo pensador espírita, os três *princípios da trilogia do serenista* e a *espiral da ipseidade*. Para tanto, aplicaremos esses conceitos em mitos do cristianismo e da antiga Grécia, além de romances da literatura universal, em um caso específico da teosofista Helena Blavatsky, em outro exemplo apresentado por Allan Kardec e outros relatos.

2 A Serenidade e o Existencialismo

A filosofia existencial em geral, considera que o Ser é como um embrião alçado à existência para assim desenvolver suas potencialidades, demarcando a distinção entre Vida e Existência. Todos os seres vivem, porém só o ser humano existe, porque existe enquanto consciente de si mesmo. Para desenvolver tal discussão começaremos a partir da ontologia fundamental de Martin Heidegger, comprometida com a questão do Ser-aí. (HEIDEGGER, 2013) Essa ontologia objetiva investigar um domínio que não se apresenta como tema para a ontologia tradicional, que na perspectiva de Heidegger, “esqueceu a questão do Ser”. Seu ponto principal se concentra no domínio que permanece oculto nessa questão: “o que há aí?” (Dreyfus & Wrathall, 2012, p.159).

O que se encontraria oculto neste “O que há aí?”. Para Allan Kardec e o Espiritismo, está aí um Ser cuja real essência e constituição permanece desconhecida pela tradição filosófica e ciências em geral. De acordo com Herculano, é esse um motivo que permite ao filósofo asseverar que a tradição filosófica é espiritualista e que “as grandes questões da filosofia são metafísicas e não físicas” (PIRES, 2009, p.237).

Herculano percebe que o elo presente no questionamento *heideggeriano*, referente ao “o que há aí?”, pode ser compreendido também como uma alternativa para retirar o Ser da *nadificação* de Jean-Paul Sartre (SARTRE, 2012). Em se tratando do Espiritismo de Allan Kardec, aponta Herculano que neste existe uma espécie de *existencialismo espírita*, que se traduz na “Filosofia Espírita da Existência, à parte dessa Filosofia que encara o

homem no mundo, da mesma maneira que o Ser aí, a que se referia Heidegger” (PIRES, 2015, p.95).

Retomando Heidegger, temos a noção de angústia que é descrita na qualidade de traço existencial essencialmente humano ou do *Dasein*. Destaca Heidegger que: “A pedra é sem-mundo; o animal é pobre de mundo; o homem é formador de mundo” (HEIDEGGER, 2006, p.206).

Na ontologia fundamental *heideggeriana* em *Que é metafísica?*, Heidegger afirma: “Por esta angústia não entendemos a assaz frequente ansiedade que, em última análise, pertence aos fenômenos do temor que com tanta facilidade se mostram” (HEIDEGGER, 1989b, p.39). Segundo Heidegger: “a angústia revela o Ser para o poder ser mais próprio, ou seja, livre para a liberdade de assumir e escolher a si mesmo” (HEIDEGGER, 1989a, p.252).

Não devemos esquecer no entanto, do *desespero* de Kierkegaard, que também é discutido pelo filósofo espírita, mas destacamos que para Herculano, este só ocorreu no domínio da religião (KIERKEGAARD, 1980). De acordo com o autor: “O desespero de Kierkegaard desenvolveu-se na hipóstase da religião, onde a lei dominante é a endopatia e por isso mesmo se resolveu em conversão” (PIRES, 2008, p.37). Observemos que nesse ponto o desespero no existencialismo *kierkegaardiano* possui algo de semelhante com a angústia *heideggeriana*, pois ambos apresentam um cunho existencial predominantemente humano.

Partindo para a questão do existencialismo e da serenidade em Herculano, observamos que a mesma se fundamenta no conceito de *interexistência* para tratar da problemática existencial ontológica. O termo foi criado pelo próprio filósofo com a finalidade de adequá-lo à sua investigação. Mas do que resulta o Ser *interexistente*? Da sintetização do pensamento encontrado no Espiritismo de Allan Kardec com o existencialismo e que corresponde a multiplicidade existencial própria dessa vertente religiosa. O Ser *interexistente* é aquele que transcende a simples projeção na existência ao romper os limites do nascimento e da morte (PIRES, 2008).

Em resumo, na discussão sobre a serenidade e o existencialismo, encontramos a posição existencialista de Herculano de que: “Só a pesquisa do Ser, no plano filosófico, a descoberta do sentido de nossa existência implícito na natureza do Ser, poderá tratar desta questão.” (PIRES, 2008, p.19). É assim que para o autor, a pesquisa a partir do *Existencialismo Interexistencial*, se contrapondo ao materialismo, ateísmo e positivismo, oferece novo campo de investigação para aqueles que desejam reconduzir o

existencialismo às suas perspectivas espirituais, inserindo a serenidade como problemática *ontológica-existencial*.

3 O Ser e a Busca pela Serenidade

Desde os tempos mitológicos o Ser busca a serenidade. Se Perseu não tivesse olhado serenamente para seu escudo, não conseguiria obter êxito contra a Medusa através do reflexo. Mas estaria a essência da serenidade dependente de uma coisa, um objeto? O que nos importa ao recordar o feito mítico do herói, é que para realizá-lo, Perseu precisou buscá-la em sua essência. Mas em nossa atual realidade, onde já não se admite a existência de górgonas ou outros seres mitológicos, como pode então o Ser buscá-la? Compreendendo que a serenidade não se identifica com a essência das coisas, e que se identifica com si mesma, não se constituindo como algo meramente hipotético, mas profundamente real e captável, sendo seu principal dilema e desafio o fato de a desconhecermos, ou como observa Herculano, talvez o nosso entendimento a atinja apenas como uma “forma de equilíbrio” (PIRES, 2008, p.29).

Todavia, atentemos para o fato de que o equilíbrio não é a essência da serenidade em si. Segundo Herculano: “há equilíbrio na agitação, na violência e na própria inquietação das criaturas normalmente chamadas de desequilibradas” (PIRES, 2008, p.30). Destaque-se também que: “há mais serenidade no homem que defende com entusiasmo e calor os seus princípios, do que no indivíduo falacioso, que procura serenamente as suas evasivas” (PIRES, 2008, p.30).

Em *O Ser e a Serenidade*, o autor sugere que o melhor termo para indicar a essência da serenidade seria a “perfeição”. Aqui temos um ponto importante a ser destacado, visto que para Herculano o primeiro princípio do serenista, ou em outras palavras, do Ser que procura se aproximar da serenidade, é o de se lançar na busca pela perfeição (PIRES, 2008). Para o filósofo espírita, somente a busca da perfeição enquanto atuação no mundo, permitirá que o Ser se aproxime dela. Mas como realizar esta conciliação entre perfeição e equilíbrio de forma concreta e prática? Para responder a isso nos serviremos de um relato que se passou com Annie Wood Beasant, uma teósofa e ativista pelos direitos das mulheres no Reino Unido do século XIX. Na história em questão, Beasant trabalhava como secretária para Helena Blavatsky, uma prolífica escritora russa e fundadora da Teosofia moderna. Certo dia, perguntando a sua patroa o que deveria fazer para alcançar a perfeição espiritual, recebeu a seguinte resposta dela: “Cole direito os seus selos”. Embora aparente ser uma

situação desconexa, Herculano aponta que a tarefa realizada por Beasant de forma tumultuada assemelha-se à inquietude que a afasta da serenidade. Ao passo que quando ela toma consciência disso, passa a selar as cartas com toda a perfeição possível (PIRES, 2008, p.31).

Caso Annie Besant não desejasse buscar a perfeição e não tivesse aproveitado o ensino, provavelmente se encontraria inquieta na busca por novas formas de selagem, e estagnada na busca inconsciente da serenidade. Já no exemplo de Perseu, caso o herói não desejasse buscar a perfeição, não obteria êxito em seu feito. Encontrando-se inquieto e afastado da serenidade, não teria aproveitado a oportunidade de triunfar sobre a górgona. Se tal fato tivesse ocorrido com o filho de Zeus, sua inquietação estaria imortalizada na forma de estátua de pedra no jardim da Medusa.

Concluindo essa discussão da busca do Ser pela serenidade, ao observá-la no mito de Perseu e na disposição de Annie Besant, objetivamos discernir a verdadeira serenidade daquelas que possam levar a sua falsa compreensão. Observamos também que na busca pela perfeição, sendo este o primeiro princípio do serenista, a serenidade não se identifica com a essência das coisas mas com ela mesma, e que a forma de equilíbrio é apenas uma maneira de compreendê-la e até mesmo atingi-la. Por fim, que sua busca espontânea pode ser o caminho que o Ser deseja trilhar na existência, afastando-o cada vez mais da inquietude e por conseguinte de qualquer possibilidade de queda existencial.

4 O Ser e a Queda da Serenidade

A queda é uma temática recorrente no mito cristão, pois traz a essência do pecado original que marca sua natureza ou seu modo de ser no mundo. Adão e Eva pecaram, tendo ambos se precipitado no abismo da inquietude e por consequência, para longe da serenidade do paraíso. Também podemos encontrá-la no episódio da rebelião dos anjos na morada celeste, de onde o próprio arcanjo perfeito de Deus decaiu dos céus para fundar na Terra um reino de inquietude e misérias, contrário a qualquer possibilidade de serenidade.

Outro exemplo de queda encontra-se na filosofia de Plotino. Destaca Herculano que na época dos céares, este pensador já compreendia a queda da serenidade como um processo de dupla possibilidade em que após a queda seria possível o Ser ascender novamente a um estado superior. Para Plotino: “a queda é a processão, e a processão possui o seu reverso que é a conversão. Pela conversão, a alma que precede do Uno pode

voltar a Ele” (PIRES, 2008, p.35). Mas de onde surgiria esta possibilidade de ascensão pela conversão? Certamente que não do mero acaso, pois Plotino enxergaria esse processo na própria natureza e é por isso que defende Herculano que: “há, pois, duas contantes naturais: a queda e a ascensão” (PIRES, 2008, p.35).

O Ser na ontologia do Espiritismo de Kardec representa um espírito encarnado e portanto existente. A condenação eterna através da queda encontrada em alguns mitos cristãos não é admitida por ela, pois a mesma se demonstra inviável do ponto de vista de não haver nova possibilidade de ascensão. É através dessa construção ontológica que Herculano Pires busca justificar o segundo princípio da sua trilogia do serenista, o “nunca te deixes abater”. Segundo ele, “se deixar abater é fechar a válvula da espiral da ipseidade, é permanecer no indivíduo como indivíduo, ou seja, no torvelinho da precipitação humana, no éctipo” (PIRES, 2008, p.36).

Tomemos agora um exemplo concreto da queda em que a ascensão do Ser não é uma impossibilidade presa ao *éctipo* como no mito adâmico. Em *O Ser e a Serenidade* de Herculano encontramos o caso ocorrido com o personagem príncipe André do romance *Guerra e Paz*, escrito e publicado em 1865 pelo escritor russo Liev Tolstói. André tinha tudo para ser feliz mas não conseguia tornar-se um homem sereno devido à sua constante inquietação interior. Somente quando tombou ferido de morte na *Batalha de Austerlitz*, encontrando-se deitado ao chão, mortalmente ferido, enxergou o azul do céu e pela primeira vez em sua existência sentiu a serenidade envolvê-lo (PIRES, 2008, p.8).

Antes de chegar ao *éctipo* e lá ficar aprisionado, André busca no azul do céu a sua própria ascensão, sendo este também um exemplo prático do segundo princípio do serenista: *o de nunca se deixar abater*. A descoberta do príncipe revela como na maior parte da existência o Ser ignora a serenidade. No entanto, também demonstra sua presença em nossa condição de Ser no mundo, abertos que somos à possibilidade de encontrar condições de nos asserenarmos, mesmo em momentos considerados extremos (PIRES, 2008).

Em resumo, observamos no mito adâmico, na rebelião dos anjos, na filosofia de Plotino, no Espiritismo de Allan Kardec e no tombamento do príncipe André de Liev Tolstói, que as ideias de serenidade do Ser e a sua queda pode ser compreendida como o pecado, a inquietude, a angústia e o desespero humano que podem e devem ser superados. Quando o Ser se deixa abater afunda-se no *éctipo* da *espiral da ipseidade*, tornando aparentemente inútil qualquer possibilidade de ascensão ao *arctipo*, mas que no entanto, a possibilidade de elevação não deixa de existir.

5 Elevação para a Serenidade

No tópico anterior discutimos sobre o Ser e sua queda da serenidade. A discussão a que nos propomos agora que é a de elevação para a serenidade. De acordo com as ideias de serenidade de Herculano, tal elevação não pode ser encarada simplesmente como um caminho reto e contrário a partir da queda em direção a ascensão, pois ela exige complexidade maior do que isso. Para tanto, recorramos novamente ao conceito de *ipseidade* apresentado pelo filósofo: “é a espiral que se abre no *éctipo* em direção ao *arctipo*” (PIRES, 2008, p.19). Observemos nesta conceituação que o filósofo utiliza-se do termo “espiral”, o que nos remete a imaginar várias voltas em torno de um centro, podendo esta mesma espiral alternar de direção, ou seja, até mesmo girar para dentro de si ou para fora, como se fosse um redemoinho. Assim, o *éctipo* estaria no centro da espiral que representa a natureza primária do Ser, que partindo da queda percorre suas curvas em direção ao *arctipo* que é seu apogeu, ou seja, o seu estado de elevação serena (PIRES, 2008, p.19).

Para melhor compreendermos a elevação, tomemos por exemplo o personagem Românovitch Raskólnikov do romance *Crime e Castigo* escrito e publicado em 1866 pelo escritor russo *Fiódor Dostoiévski* (DOSTOIÉVSKI, 2017). A *espiral da ipseidade* ali se encontra e pode ser percebida, visto que as reflexões do jovem pobre da cidade de São Petersburgo o levam a alternar constantemente a direção entre as curvas da espiral enquanto se encontrava atormentado pela teoria do homem grandioso de sua época. É a espiral que gira alternadamente para dentro e para fora de seu Ser, ou seja, do *éctipo* ao *arctipo* e do *arctipo* ao *éctipo* durante sua perturbação.

Um caso análogo ao experimentado pelo jovem russo, também foi observado por Allan Kardec em sua Revista Espírita do ano de 1867. Em seu estudo moral sobre as consequências do crime cometido pelo jovem operário Jean Rizak, observamos um Ser em pleno uso de sua razão e que também se colocava acima das circunstâncias, porém fechado em seu egocentrismo. Rizak gastou indevidamente o pagamento da quinzena que deveria ter repassado a um companheiro de trabalho. Antes de ser descoberto e querendo evitar os aborrecimentos das investigações comete o crime e foge, lançando-se a partir daí ao *éctipo* da espiral, numa inútil tentativa de levar uma existência serena ao longo de doze anos (KARDEC, 1993).

Pela serenidade, o processo da elevação serena constitui a *arc-stase*, sendo a situação natural do Ser que se elevou. Observemos que tal é a condição em que o Ser vive por uma ideal, por um princípio, ou seja, por uma certeza. Permanecendo assim, o Ser consegue se manter no nível de *arc-stase*, superando as circunstâncias e conseqüentemente o meio em que vive, mesmo que não se afaste dele, mas percorrendo as curvas da espiral do *éctipo* ao *arctipo*, sendo esta a sua elevação serena (PIRES, 2008).

Em resumo, atentemos que o terceiro princípio do serenista convida o Ser ao processo de elevação serena pela *arc-stase*. Ao praticar um crime, o Ser evidentemente não atende as exigências para elevar-se, pelo contrário, se afasta da elevação serena e se precipita no *éctipo* do redemoinho, estando impossibilitado por tempo indeterminado de qualquer tentativa de redenção. Se para fazê-lo partimos de casos extremos, foi simplesmente por fins didáticos com o objetivo de melhor demonstra a complexidade do processo. Foi por esse motivo que, Românovitch Raskólnikov e Jean Rizak tornaram-se ótimos exemplos para desenvolver essa discussão, pois ambos encontravam-se mais próximos do *éctipo* da espiral e distantes do *arctipo* no processo de elevação, portanto distantes da serenidade e de senti-la em sua essência. É assim que o princípio de *eleva-se acima das circunstâncias*, quando captado pelo Ser poderá elevá-lo pelas curvas do redemoinho rumo a serenidade desejada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa discussão acerca do Ser e das ideias de serenidade em José Herculano Pires, percebemos que ao propor uma filosofia da *interexistência* e da serenidade, apoiado sobre o Espiritismo de *Allan Kardec*, o filósofo espírita quis demonstrar que a relação do Ser com o mundo pode deixar de ser apenas conflito, para se tornar harmonia e de alguma sorte esperança. Quanto a nossa pergunta inicial sobre “como é o Ser sereno no mundo?”, concluímos que é aquele que vive e sobrevive nas curvas imprevisíveis da espiral do *éctipo* ao *arctipo*, mesmo sem delas tomar conhecimento, e de alguma forma consegue elevar-se em *arc-stase*. Sendo assim, as ideias de serenidade presentes na filosofia existencial espírita de Herculano Pires, não representam uma evasão da realidade e muito menos um escapismo do Ser, ante os grandes problemas existenciais e sociais. Ao contrário, representam uma atitude frente a sua condição humana existencial.

REFERÊNCIAS

- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Crime e Castigo**. Tradução de Natália Nunes e Oscar Mendes. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.
- DREYFUS, Hubert L. & WRATHALL, Mark A. **Fenomenologia e Existencialismo**. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti e Luciana Pudenzi. - São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- HEIDEGGER, Martin. **O Acontecimento Apropriativo**. Tradução de Marco Antônio Casanova. - Rio de Janeiro: Forense, 2013.
- HEIDEGGER, Martin. **Os Conceitos Fundamentais da Metafísica**. Mundo.Finitude. Solidão. Tradução de Marco Antônio Casanova. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Tradução de Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 1989a.
- HEIDEGGER, Martin. **Que é Metafísica?** Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1989b. (Os Pensadores).
- KARDEC, Allan. **Revista Espírita 1867: Jornal de Estudos Psicológicos**. Tradução de Salvador Gentile/ Revisão de Elias Barbosa – São Paulo: IDE, 1993.
- KIERKEGAARD, Soren. **The Concept of Anxiety: a Simple Psychologically Orienting Deliberation on The Dogmatic Issue of Heredity Sin**. Princeton, NJ.: Princeton University Press, 1980.
- PIRES, José Herculano. **Introdução a Filosofia Espírita**. São Paulo/SP: Ed. Paideia, 2015.
- PIRES, José Herculano. **O Espírito e o Tempo**. São Paulo/SP: Ed. Paideia, 2009.
- PIRES, José Herculano. **O Ser e a Serenidade: Ensaio de ontologia interexistencial**. São Paulo/SP: Ed. Paidéia, 2008.
- SARTRE, Jean Paul. **O Existencialismo e o Humanismo**. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis/RJ. Ed. Vozes, 2012.